

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folhetim

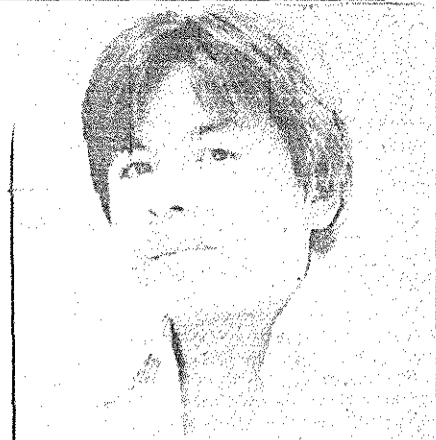
Class.: TNR 4225

Data 20/04/80

Pg.: _____

*Um dos fundadores da União das Nações Indígenas
fala de cidadania e nacionalidade*

Marcos, brasileiro, Nação Terena



Marcos Terena estuda administração na Faculdade Católica de Brasília, tem 25 anos e um curso de piloto. Ele, com outros oito índios estudantes, lançaram esta semana, em Brasília, um movimento pioneiro na causa indígena, uma espécie de confederação, ao estilo dos shuar, do Equador, pretendendo reunir as nações indígenas brasileiras para que lutem por uma política indigenista em benefício do próprio índio. A União das Nações Indígenas, Unind, não tem influências nem da Igreja nem de qualquer outra entidade ligada à defesa dos índios. Surgiu de longas conversas entre os índios que moram na Casa do Ceará, em Brasília, e estudam em diferentes escolas da cidade. Além de Marcos, a Unind foi planejada por representantes dos grupos bororo, xavante, tuxá e pataxo.

No dia 13 de abril, Marcos abordou o ministro Mario Andreazza, do Interior, quando este inaugurava oficialmente a Semana do Índio no Brasil. Ele queria saber sobre a demarcação de terras e o Parque Indígena Yanomani. E não ficou satisfeito com as respostas vagas do ministro, porque, como os demais índios, está cansado de viver em expectativa. "Nós temos pressa, os problemas devem ser resolvido logo", disse ele.

Nesta primeira entrevista à imprensa que concede, Marcos Terena fala à repórter Memélia Moreira da Sucursal de Brasília, sobre a política indianista atual e ideal, além dos problemas de discriminação sofrida por todos os índios que convivem com a Sociedade Nacional.

FOLHETIM — Como vocês estão vendo a política indigenista?

MARCOS — Ela tem sido morosa e o índio requer urgência para definir situações em que somos ludibriados. A morosidade gera um clima de tensão entre as duas partes: índios e brancos. É necessário que a Funai busque solução viável dentro da máxima brevidade, assegurando ao índio tudo o que ele tem direito, principalmente a terra. Nós que estudamos em Brasília sentimos que nossos esforços são em vão, principalmente quando tentamos nos aprimorar intelectualmente. Em contato com alguns diretores eles nos dizem que seremos bloqueados. Eles não admitem diálogo com um índio que estuda e que é formado. A partir do momento em que adquirimos certa maturidade, eles nos fazem proposta para requerermos nossa emancipação. Para nós a emancipação é um caso morto. Nem cogitamos disso. Nós nunca vamos requerer a emancipação. Eles devem entender que não vivemos em função dos desejos deles. Já que a Funai existe, ela tem de nos assistir. Ela foi criada em função dos índios. O papel da Funai não é nos pressionar para que façamos isto ou aquilo, mas nos ouvir.

O atual diretor do DGPC (coronel Ivan Zanoni) nos considera capazes e incapazes. Ele só nos considera capazes se pedimos emancipação. Se a política indigenista desta década começa assim, significa que nós não vamos poder pensar por nós mesmos. Temos procurado entrosamento com eles, eles bloqueiam porque nos consideram crianças. Como se não tivéssemos massa cerebral. Eles acham que eles sempre têm razão. Nunca aceitam nossa ponderação.

FOLHETIM — Como deveria ser então a política indigenista oficial?

MARCOS — A política tem que ser baseada dentro daquilo que está na legislação, no Estatuto do Índio. O primeiro ponto, por exemplo, é assegurar ao índio o direito à terra; que considerem também nossas reivindicações, porque visamos juntar esforços para melhorar a política indigenista, corrigir erros. Não temos encontrado esse tipo de apoio. Eles pensam que sempre vamos pedir roupa e dinheiro. Não queremos roupa e dinheiro. Queremos ter condições de adquirir isto, como está escrito na Convenção 107 de Genebra: "Considerando que a Declaração de Filadélfia afirma que todos os seres humanos têm o direito de buscar o progresso material e o desenvolvimento espiritual dentro da liberdade e dignidade e com segurança econômica e oportunidades iguais".

Não quero dizer com isso que a Funai deve acabar com este tipo de assistência, pois há muitos grupos que ainda precisam disso, mas deve acatar o índio como indivíduo que pensa, acatá-lo quando ele está em outro estágio de aculturação.

FOLHETIM — Alguns políticos e secretários de estado têm feito ataques contra os índios, como o secretário de Segurança de Mato Grosso que chamou vocês de imbecis e preguiçosos. Como vocês recebem estes ataques?

MARCOS — Tem mais, o governador Frederico Campos declarou que falar de índio e Funai é pisar nos calos dele. O índio não é preguiçoso. O que ocorre é que o índio jamais trabalhou visando lucros, trabalhamos para ter o suficiente. Ja-

mais se viu um índio derrubando uma árvore ou matando um pássaro para lucrar com isto ou por simples prazer. O fazendeiro, o empresário não visa o bem-estar social, ele visa seu bem-estar pessoal. Eles adquirem terra indígena em benefício próprio. O índio não é preguiçoso, o que ele não tem é ambição deste tipo, de lucro.

Quanto à acusação de imbecil, queremos dizer que esta é uma discriminação natural em Mato Grosso. Sou de lá e sofri esta discriminação. Não podemos responder isto com palavras, só com ações.

MARCOS — Isto só acontece numa sociedade mal-orientada. Nesta semana, que é a Semana do Índio, a Funai pensou em mostrar aos mais jovens que o índio é também um ser humano, apenas com características diferentes: língua e costumes.

Em Mato Grosso do Sul, o índio terena quando termina o primário ou o ginásio acontecem duas coisas: ou ele casa e fica na aldeia ou vai continuar os estudos em outra cidade. Quando ele prossegue os estudos, deixa de ser chamado de índio, passa a ser chamado bugre, que na região é uma palavra pejorativa. Lá eles acham o índio terena passivo e somos pisoteados, e alguns chegam a achar isto natural. O terena realmente não discute e geralmente começa a estudar mais e termina se destacando. Na aldeia, ele não tem condições de progredir porque a terra é pouca, não serve para a agricultura e está cercada de fazendas. Se o índio sai da terra para ir mais adiante ele pode morrer, como aconteceu há dois anos atrás. Um terena saiu com dois filhos seus e foi morto juntamente com um de seus filhos pelos fazendeiros. Até hoje não teve solução, mas todos sabem quem matou.

FOLHETIM — Só no final do ano passado e início deste ano quatro índios morreram e os criminosos continuam soltos. Como vocês explicam estas impunidades?

MARCOS — O inquérito é feito nas delegacias regionais da Funai. Os funcionários trabalham naquela região, sofrem pressão ou são subornados. Eles se vêem quase obrigados a dar ganho de causa aos que têm mais dinheiro. Para acabar com isto seria necessário que a Funai fizesse um rodízio dos funcionários nas delegacias. Para não se viciarem.

FOLHETIM — A tendência do governo e dos ministros é considerar o índio como brasileiro. Vocês se sentem brasileiros?

MARCOS — Somos brasileiros naturais. Quando o Brasil foi descoberto nós já estávamos aqui. Podíamos ter outro nome, brasileiro só porque o nome que escolheram foi Brasil. O que eu penso é que mesmo com a cidadania brasileira deveríamos ser considerados indivíduos de nossas nações. Por exemplo, que na minha carteira de identidade se colocasse Marcos Terena, brasileiro, nação terena. Mesmo sendo de outra nação terminamos defendendo as riquezas do Brasil. Somos um dos componentes da nação brasileira mas somos distintos.

FOLHETIM — E a União das Nações Indígenas, como nasceu? Como surgiu esta idéia?

MARCOS — Lutar pelos direitos indígenas é uma missão que nos cabe. Todos os índios devem unir esforços para discutirmos os problemas de nossas nações. Temos conhecimento de nossos problemas e podemos fazer sugestões, discutir. Isto não significa que pensamos em destruir uma instituição que foi criada para nos assistir, mas pensamos em aperfeiçoar esta instituição para que ela nos assista melhor. Unind é ainda uma sugestão de unir esforços. Não há nada definido. O objetivo é despertar os índios para que não abdicuem da etnia, pois muitos dos índios que vão morar nas cidades se esquecem de sua terra, do seu povo, de seus antepassados. Como a Unind pensamos em despertar estes índios que vivem nas cidades de que eles não devem se envergonhar da etnia e devem lutar pelos direitos de todos os índios.

FOLHETIM — E qual será o trabalho da Unind junto à sociedade nacional?

MARCOS — Vamos mostrar que não somos um animal irracional, mas um ser humano, pois se persistir esta idéia, o índio vai acabar e fica só na história. Vamos mostrar que não estamos atrapalhando o progresso do Brasil, ao contrário, também trabalhamos para que o Brasil se destaque. Isto dentro das nossas possibilidades, é lógico.